

ANTÓNIO QUADROS
nos 100 anos do seu nascimento

Coordenação de António Braz Teixeira e Renato Epifânio

LISBOA
FUNDAÇÃO LUSÍADA
2024

Edição conjunta de:

Fundação Lusíada
Largo do Mastro, 34 r/c | 1150-229 | Lisboa
www.fundacao-lusiada.org

MIL: MOVIMENTO INTERNACIONAL LUSÓFONO
www.movimentolusofono.org
Palácio da Independência, Largo de São Domingos, n.º 11
1150-320 Lisboa

DG Edições
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-35619-0-4

Depósito Legal: 529316/24

Primeira edição: Abril de 2024

ÍNDICE

ANTÓNIO QUADROS, INTÉRPRETE DA CULTURA BRASILEIRA António Braz Teixeira	7
ANTÓNIO QUADROS E A FUNDAÇÃO LUSÍADA Abel Lacerda Botelho	17
ANTÓNIO QUADROS E A AUTÓPSIA DA REVOLUÇÃO: NOTAS SOBRE A PÁTRIA (O SEU “IMPENSADO”) E A (“INSTITUCIONALIZAÇÃO” DA) CIDADANIA DEMOCRÁTICA Alexandre Teixeira Mendes	29
A ESTÉTICA DO BAILADO EM ANTÓNIO QUADROS Ana Margarida Chora	43
ANTÓNIO QUADROS MODERNISTA, COMO <i>JANUS</i> Annabela Rita	56
ENTRE O LIRISMO E A PERPLEXIDADE: A OBRA POÉTICA DE ANTÓNIO QUADROS António José Borges	70
ANTÓNIO QUADROS: DO <i>ACTO</i> À <i>ESPIRAL</i> Artur Manso	82
O ESPAÇO, O TEMPO E A IMAGEM NO MOVIMENTO EXISTENCIAL DE ANTÓNIO QUADROS César Tomé	102
ANTÓNIO QUADROS E A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN: O ELOGIO DA LEITURA Guilherme d’Oliveira Martins	110
PENSAMENTO E MOVIMENTO EM ANTÓNIO QUADROS João Luís Ferreira	113
A FILOSOFIA DA HISTÓRIA PORTUGUESA EM ANTÓNIO QUADROS Joaquim Domingues	121
ANTÓNIO QUADROS, FILÓSOFO DA ESPERANÇA DE PORTUGAL Jorge Preto	131
ANTÓNIO QUADROS, O DISCÍPULO OCULTO DE JAIME CORTESÃO José Almeida	135
A PAIXÃO DE ANTÓNIO QUADROS POR “FERNANDO P” José António Barreiros	144
ANTÓNIO QUADROS E AARÃO DE LACERDA: UMA ESTÉTICA SIMBÓLICA (SÍNTESE COMPARATIVA) José Carlos Pereira	155
ANTÓNIO QUADROS, HERMENEUTA DO PENSAMENTO PORTUGUÊS José Esteves Pereira	160

ANTÓNIO QUADROS EMPREENDEDOR, HUMANISTA E PEDAGOGO: O IADE Madalena Ferreira Jordão	169
ANTÓNIO QUADROS E O SIGNIFICADO DAS NARRATIVAS DO MARAVILHOSO Manuel Cândido Pimentel	175
ANTÓNIO QUADROS E DELFIM SANTOS Maria de Lourdes Sirgado Ganho	183
ANTÓNIO QUADROS E O CULTO DO ESPÍRITO SANTO Maurícia Teles da Silva	186
ANTÓNIO QUADROS E ANTÓNIO TELMO: UM DIÁLOGO ENTRE LIVRES-PENSADORES Pedro Martins	194
ANTÓNIO QUADROS E OUTROS VULTOS EVOCANTES DA TRADIÇÃO JOAQUIMITA: JOSÉ MARINHO, AGOSTINHO DA SILVA, ÁLVARO RIBEIRO, FERNANDO PESSOA, JAIME CORTESÃO, RAUL LEAL E NATÁLIA CORREIA Renato Epifânio	201
O CONHECIMENTO SAUDOSO DA EXPERIÊNCIA MÍSTICA EM ANTÓNIO QUADROS E DALILA PEREIRA DA COSTA Samuel Dimas	207
ANTÓNIO QUADROS: AS VANGUARDAS PORTUGUESAS E O SUPRA-PESSOA Tomás Cunha	220
ANTÓNIO QUADROS: INFLUÊNCIAS FAMILIARES Mafalda Ferro	228

ANTÓNIO QUADROS: DO ACTO À ESPIRAL

Artur Manso

1. António Quadros fundou e dirigiu, só ou em parceria, as revistas *Acto – Fascículos de cultura*, 1951 e 1952, dois números; *57 – Folha Independente de Cultura*, maio de 1957 a junho 1962 – onze números; *Espiral – Cadernos de Cultura*, primavera 1964 a inverno 1966, treze números. Nos três títulos sobressai o termo Cultura¹ tomada em sentido geral, mas com a expressão que, ao longos dos séculos, adquire no mundo português. Já estávamos na segunda metade do século vinte com uma parte do império, o Brasil, autónomo e independente há mais de cem anos e adivinhava-se, pelo decurso do tempo e a mudança das vontades, que aos restantes territórios sob administração portuguesa chegaria também o seu dia da autodeterminação e independência.

Estas publicações são abertas a todo mundo lusófono, com maior foco no imenso território do Brasil que para além de ser independente, a *massa crítica* já era significativa. Ao tempo não havia *internet*, *mail*, nem redes sociais. As viagens eram longas e demoradas e não estavam ao alcance de qualquer um. Se a isso juntarmos a desconfiança da intelectualidade portuguesa sobre os seus iguais dos povos lusófonos, nomeadamente o Brasil, facilmente se percebe porque todas as tentativas de aproximação com o verdadeiro objetivo de partilha e alargamento de uma cultura comum fracassem, tanto mais que a elite desses locais, acaba por pagar na mesma moeda, com desprezo e ignorância, o trabalho feito no velho retângulo continental. Na verdade, sendo hoje o mundo uno e mesmo com a informação a circular quase à velocidade da luz, ainda é mais aquilo que nos separa, nomeadamente em relação ao Brasil, do que aquilo que nos une. A começar pelas questiúnculas linguísticas em torno dos famigerados acordos ortográficos. Portugueses e brasileiros continuam a teimar em não se entenderem acerca de uns inúteis *pês*, *cês* ou *agás*. É inaudito como em ambos os países, no mercado do livro, um volume editado e distribuído no Brasil por um valor equivalente a 20 euros seja vendido em Portugal por 80 ou 90 euros, acontecendo o mesmo com as edições portuguesas comercializadas no Brasil. Basta comparar com produtos semelhantes que circulam entre Espanha e os países da América Latina de expressão castelhana onde, em termos de custo, tanto

¹ Como esclarece Joaquim Domingues “Cultura significa, de raiz, o que deve ser culto ou cultivado e aplica-se, por analogia com a agricultura ou cultura dos campos, ao exercício das superiores manifestações da criatividade humana, nas artes, sejam da palavra, do ritmo ou plásticas, e nas ciências. Sendo certo que o culto tem também significação religiosa, relativa aos modos como se estabelece a relação com o sagrado [...]. O termo tem, no entanto, um significado algo diferente no domínio das ciências sociais, designadamente da etnologia, onde a cultura designa tudo o que o homem acrescenta à natureza, desde os hábitos aos instrumentos de trabalho, falando-se mesmo de cultura material a propósito dos seus aspetos mais elementares”, cf. Domingues, Joaquim, *Elucidário do estudante curioso*, Famalicão, 2022, p. 47.

faz adquirir um livro editado na Argentina ou Chile e vendido em Espanha e vice versa. O produto não oscila de valor porque não é tributado supletivamente como acontece entre o Brasil e Portugal, assunto que parece nunca ter tido qualquer tratamento nas dezenas de decisões que ambos os países tomam em conjunto e naqueles que, com regularidade, assinam dezenas de protocolos entre as Universidades de ambos os lados, com intercâmbio frequente de professores e alunos. Desde a primeira publicação em 1951 e a última de 1966 o cenário manteve-se estático, mas o mais surpreendente é que em uma boa parte dos esforços aí prosseguidos, de 1966 até 2023, 57 anos volvidos, sem deixar de relevar os progressos entretanto conseguidos em diversas áreas, em uma boa parte dos objetivos prosseguidos, a sua concretização continua adiada.

2. *Acto – Fascículos de cultura*²

Nº 1, outubro 1951. António Quadros no texto de apresentação da publicação, pp. 1-3, traça os objetivos sem lhe antever tão curta vida como acabou por acontecer, mesmo que, de certo modo, apenas tenha mudado a designação duas vezes. Justifica a escolha do nome por um termo nobre da tendência intelectual, com sentido religioso, artístico e filosófico. Esta é uma revista de cultura que inclui a filosofia, mas não é uma publicação de filosofia, uma vez que se propõe apoiar as diversas áreas do saber e da religião. Não é um campo de reflexão que tenha por fundo a passagem aristotélica da potência ao ato, mantendo o interesse na influência da cultura nas relações sociais ao longo dos tempos. O seu fundador quer que seja uma publicação plural e livre, capaz de acolher todas as artes e processos criativos com a mesma simpatia e igual interesse, sem qualquer escala de graduação dos mesmos:

O *acto* definir-se-á, pois, como *atitude*, e vamos encontrar este sentido justificado pela linguagem das religiões. Assim o vimos também justificar perante os nossos leitores que, decerto nos permitem, e porventura aplaudem, a utilização profana e geral de uma linguagem esotérica, especialmente qualificada.

É o ideal de universalidade que Portugal enquanto Pátria encerra e espalha ao longo de séculos pelos quatro cantos do mundo, que acaba, no século XX, com uma definição de sentido próprio multicultural, descentrada do habitual lugar europeu onde a expansão se iniciou. Uma nação que se (com)fundiu com todos os povos que foi encontrando, sendo por isso o espírito religioso, ecuménico, que melhor define estes propósitos:

acto de fé [...] nós reconhecemos a perenidade e uma cultura autónoma que hoje tem, como sempre teve, seus representantes coevos merecedores do estatuto que, neste ambiente saturado de historiografia e de necrologia, quase exclusivamente se dedica aos medievos [...] acto de esperança certos de poderem ser

² Diretores: António Quadros e Orlando Vitorino. Dois números publicados: Nº 1, 1 de outubro 1951; Nº 2, 1 de março de 1952.

assegurados os valores que, patentes ou ocultos, nos são todavia próprios e não estão ainda destruídos pelas forças agentes de um abstrato, ou estrangeiro ideal de universalidade, porque nos importa mais o presente que o passado e mais o futuro do que o presente [...] acto de caridade porque é compreensiva e amável a nossa atitude; porque as páginas deste jornal jamais acolherão a polémica que, na ordem ética, se funda no ódio, e que, na ordem gnósica, estrutura o pensamento pela dialéctica condenatória de um dos dois termos da oposição que define e em que se encerra.

Ambiciona, assim, contrariar as dezenas de publicações que à época circulavam em Portugal com a preocupação de exaltar o que se fazia no estrangeiro, servindo-se de tudo e de nada, para apoucar o seu povo e a sua cultura através dos discursos de literatos pedantes e ensaístas estrangeirados, sem conhecimento do passado nem amor ao povo a que pertenciam. Esta era assumidamente uma publicação virada para o:

mundo de cultura lusíada aquele que acolhe e contém já setenta milhões de pessoas que falam a língua portuguesa [...] valorizamos as artes da palavra – a poesia e a filosofia – como reveladoras de uma relação transcendente.

A colaboração exarada neste número segue o propósito do fundador, isto é, teoriza sobre a originalidade da filosofia portuguesa e a constituição de um pensamento português que dê continuidade à especulação de Sampaio Bruno, Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra, constando nos colaboradores Álvaro Ribeiro e José Marinho, dois distintos defensores desse propósito. Para além da apresentação António Quadros insere, *Que é a modernidade? Carta a um crítico anti-moderno e Conceitos revisados*; Augusto Frederico Schmidt intitula o seu texto de *A morte dos coelhos*; José Blanc de Portugal apresenta as *bases para toda a interpretação*; José Marinho disserta sobre *o não saber* e Lêdo Ivo assina *O rio*; Manuel dos Passos insere *Ainda conheci junqueiro*; Orlando Vitorino assina *Meio século de teatro* iniciando um interesse comum de grande ressonância e largo alcance em todas as publicações de António Quadros, tal como acontecerá com a Universidade e a pedagogia, coordenando, aqui, Luís Washington o *Inquérito à crise da Universidade entrevistas com Ortega y Gasset e Sant'Ana Dionísio*, o qual já tinha traduzido para a *Seara Nova* em 1946 o texto José Ortega Y Gasset, *Missão da Universidade*. Raúl Leal assina *Cínicos e estóicos heraclitianos*. Por escolha directa de António Quadros são imprimidos dois poemas inéditos de Mário de Sá-Carneiro e um poema de Teixeira de Pascoaes acompanhado por um busto do poeta do Marão da autoria de António Duarte.

Nº 2, 1 de março de 1952. Continua a explorar os temas e os problemas do número anterior, escrevendo António Quadros, *O Acto contra as potências e tudo é um caminho para tudo*; Luís Washington nas respostas ao *Inquérito à crise da Universidade* insere as réplicas do italiano Benedetto Croce e de Delfim Santos; Álvaro Ribeiro rubrica *Ontologia dos valores poéticos*; Cunha Leão publica *Ode ao Porto*; Orlando Vitorino disserta sobre *O iluminismo contemporâneo em Portugal*; Raul Leal assina *Cínicos e estoicos heraclitianos*.

3. 57 – *Folha Independente de Cultura*³

Fundada e dirigida por António Quadros cinco anos depois de ter findado o efémero projeto *Acto*. Os quatro primeiros números contam apenas com a sua direção, a que se vão juntar, no nº 5 Fernando Morgado e Orlando Vitorino, passando do nº 6 ao 11 a ter a direção conjunta de António Quadros e Fernando Morgado. O primeiro número sai em maio de 1957 e o último, o 11, em junho de 1962.

Nº 1, maio 1957. António Quadros, inicia a publicação com o *Manifesto de 57*, pp. 1-2, que complementa no número seguinte com o *Manifesto sobre a Pátria*. Em ambos os textos faz a defesa dos valores do patriotismo, traçando a linha da evolução cultural de matriz portuguesa, defendendo que os alicerces da mesma são bem visíveis em Camões e na poesia nacionalista de Fernando Pessoa. Pretende, assim, inquietar os espíritos da cultura portuguesa apelando a que o *status quo* em que se encontra, possa ganhar um renovado ânimo. Portugal começava a aumentar a sua massa crítica e a valorizar a sua cultura. Agora havia um grupo de intelectuais que conhecendo o mundo se recusava a olhar para a sua Pátria com modelos estrangeirados que não lhe servem⁴. Quadros acredita que as novas gerações estão realmente interessadas no combate às:

³ De maio de 1957 a junho 1962 – onze números. Sobre parte do conteúdo desta publicação ver o meu ensaio: Educação, Pedagogia e Universidade no *Jornal 57. Nova Águia – Revista de Cultura Para o Século XXI*, 12, 2º semestre 2013, pp. 42-48.

⁴ Se do ponto de vista histórico Portugal alimenta, e bem, diversas disputas intelectuais sobre a nacionalidade de Cristóvão Colombo, controvérsias em torno de Fernão de Magalhães e outras figuras de relevo na história dos descobrimentos, esse fulgor nunca passou para a cultura e o conhecimento de que o caso mais emblemático será porventura Espinosa, cuja nacionalidade, entre nós, foi sempre um tema marginal na história das ideias. Por outro lado, o que se ensinava aos jovens que frequentavam o curso de Filosofia na disciplina designada de Filosofia Portuguesa, ou denominação afim, era de facto deprimente como anotam, entre outros, Braz Teixeira em *A faculdade de letras de Lisboa e a história da filosofia portuguesa, Espiral*, nº 1, primavera 1964, pp. 82-83, algo que a minha geração, já quase a terminar a década de 1980, sentia de igual forma. A disciplina dedicada à filosofia portuguesa, era preenchida com conteúdos em torno de um ou outro autor português que para o conhecimento filosófico pouco tinha contribuído como seja, Santo António de Lisboa, ou frei Amador Arrais e humanistas anteriores à nacionalidade e ligados mais à teologia que propriamente à filosofia como Paulo Orósio, natural da Hispânia Romana. Nada de nada de Amorim Viana, Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra. No todo ou em parte, autênticos desconhecidos e ignorados, considerados imitadores e reprodutores de pensamento estrangeiro. Qualquer referência a Leonardo Coimbra, vinha sempre associada a uma espécie de leitor, comentador e divulgador do pensamento de Bergson. No virar do século vinte para o vinte e um, quando questionava alguns estudiosos e académicos conhecedores do pensamento português referiam-me, sem qualquer reboço, que o pensamento português, em quase todos os autores, era uma espécie de recensão mais ou menos aprofundada sobre as especulações de autores estrangeiros. Contrariando esta tendência e dando razão ao esforço de Quadros, temos agora o aclamado Eduardo Lourenço que erigiu uma obra singular em torno do pensamento português e dos seus maiores representantes, sem o beneplácito de qualquer Universidade portuguesa. Todo o seu esforço e dedicação foi apoiado e aclamado por Instituições estrangeiras e pela Universidade francesa de Nice onde se fixou como académico de prestígio. Portugal e a Academia portuguesa, apropriaram-se mais uma vez do reconhecimento alcançado por um português em pátria que não a sua, mesmo que a temática dos seus estudos seja o território do seu nascimento.

manifestações socialmente dominantes, como a expressão de correntes estrangeiras a que os nossos professores, escritores e artistas aderem impensadamente, limitando-se a sua liberdade espiritual perante elas, à ligeira correção das suas sensibilidades individuais. A sensibilidade individual, mesmo talentosa [...] não constitui efetivamente, a substância de uma autonomia cultural.

Ante o movimento da cultura nacional, António Quadros não segue a tradicional cartilha maniqueísta, não coloca aqueles que se preparam para aderir a este projeto de valores mais nacionalistas e patrióticos, mais tradicionalistas, como os melhores defensores da cultura nacional, diabolizando, como era e é natural, os movimentos de feição contrária que no caso português eram dominantes em todos os aspetos da cultura. Naturalmente num país como o nosso que para além do ensino básico pouco mais instruía e educava, era natural que aqueles que beneficiavam de uma formação adquirida em ambientes estrangeiros, nos seus desempenhos futuros quando retornavam à Nação reproduzissem aquilo que tinham aprendido, e com certeza nesses países não estudavam a cultura nacional, exceto nas partes de que esses países se apropriavam para enfatizar a sua visão supremacista. Havia dezenas de professores/investigadores de língua, história e cultura portuguesa, a fazer estudos de graduação e pós graduação exatamente nessas áreas em Universidades e Institutos espalhados um pouco por todo o mundo. Era constrangedora a dificuldade em se fazer um mero doutoramento nas universidades portuguesas. E não estou a falar de ciência pura que exige materiais e laboratórios dispendiosos, mas de estudos humanísticos e literários que Portugal e a cultura portuguesa alimenta desde que a ilustração se passou a designar com os atuais critérios. No alastrar deste desinteresse, continua a ser inconcebível que a grande parte de estudos confiáveis sobre figuras centrais da portugalidade tenham assinatura de investigadores estrangeiros. Quadros sabia bem isso, porque foi pioneiro no estudo e organização da obra de dois dos maiores poetas e literatos, nacional e internacionalmente, do século XX, Mário de Sá Carneiro e Fernando Pessoa. A seu lado, nesses tempos, poucos foram os intelectuais portugueses a destacar o valor universal das suas obras. Só com o crescente interesse de investigadores estrangeiros, com a tradução dos originais em diversas línguas, é que ganharam reconhecimento mundial. O que mostra que a existência de uma língua original, ante a influência de culturas alheias dominantes, tem dificuldade em autonomizar-se porque passa a ser mais um veículo de transmissão dessas culturas do que de exaltação dos valores e características nacionais:

A cultura portuguesa vive a querer libertar-se do imobilismo paralisante dos professores, escritores e artistas que, demissionários, utilizam a língua portuguesa apenas para servir os fins anacrónicos e utópicos de escolas e políticas que nos são estranhas e os fins egoístas dos que encaram a cultura meramente como profissão da glória ou escape para complexos recalçados. O criticismo da 'Presença' participa na verdade, da mesma ingenuidade que caracteriza as correntes históricas da Universidade, o positivismo católico dos escritores integralistas, o cooperativismo sem antropologia de António Sérgio, o lirismo emocional dos

nossos imaturos poetas, o fotografismo inimaginativo dos nossos escritores realistas ou o materialismo apressado dos hegelianos que não leram Hegel e não amadureceram as suas teses.

Os escassos académicos portugueses faziam boa parte da sua formação em terras estrangeiras. Estudavam em França e viam destacar os vultos franceses o mesmo acontecendo com quem estudava em Inglaterra, Alemanha, ou EUA. Nesses países não eram os poetas e os literatos portugueses, dinamarqueses, russos ou de qualquer nacionalidade que não a sua que eram expostos nos gabinetes e salas de aula. Todo o esforço, como bem mostram os Centros de Cultura que essas Nações patrocinavam um pouco por todo o lado, era tornar visível e conhecido o pensamento e a obra dos seus vates, porque aqueles que os governavam tinham percebido há muito que:

Não é possível servir o espírito ou a Razão, sem partir das formas antropocósmicas em que o Espírito ou a Razão se particularizam, isto é, as pátrias [...]. Não é possível servir Portugal sem conhecer Portugal. Não é possível servir o homem português sem conhecer o homem português.

Exporá então para o fortalecimento das especificidades de Portugal e dos Portugueses, no tempo que é o seu, seguindo o percurso dos que defendem ser Sampaio Bruno o iniciador da filosofia portuguesa, constando entre eles Álvaro Ribeiro⁵:

concorrem em Portugal duas grandes correntes para dissolver esse estado de coisas: o existencialismo e a filosofia portuguesa [...] o existencialismo deu conteúdo filosófico à ideia de pátria.

Em seu entender era chegado o tempo de juntar todos os intelectuais portugueses, congregar em torno do mesmo propósito, os que trabalhavam em prol de Portugal e do seu engrandecimento que passava pela economia, pela ciência, artes e letras, cultura e filosofia, pondo de lado credos religiosos ou posições políticas, combate a que deviam juntar-se todos os Portugueses que:

pretendem chegar aos mesmos fins através de meios que não se adequando à especificidade do espírito da alma e do corpo da pátria portuguesa, mais não poderão provocar senão a dor, o mal estar, a angústia, a divisão e, principalmente a estagnação pela luta aniquilante de forças contrárias que se anulam mutuamente.

⁵ António Quadros argumenta, na linha daqueles que defendem haver filosofias nacionais, tese com a qual não concordo. Sem dúvida que há pensamento e cultura nacionais, mas a Filosofia como maneira de conhecer, enquanto *corpus* de saber, é universal, mesmo que plasmada, de forma mais ou menos evidente, parte do seu conteúdo nas nações que tratam dos assuntos de que se ocupa. Por exemplo, a questão filosófica em torno do mal que ganhou lastro no pensamento português, é uma característica de reflexão universal, ou identificadora do modo de pensar português? A resposta é: sendo um tema de especulação filosófica universal ganhou lugar de destaque na tradição especulativa portuguesa, como aconteceu em outros lugares. Acerca da polémica, destaco e subscrevo os argumentos aduzidos por Manuel Antunes, no ensaio *Haverá filosofias nacionais?*. *Brotéria*, LXIV, 5 (1957), pp. 555-565.

Para alterar o estado das coisas assente em um desusado pensar alimentado por velhos pensadores, clama para que a publicação independente 57, seja principalmente colaborada por gente jovem, pela nova geração de intelectuais centrados na sua Pátria e interessados na prosperidade do seu futuro porque *57 é o ano do centenário de Sampaio Bruno, é o ano em que se publica A razão animada, é um ano de graça para a cultura portuguesa.*

Neste número António Quadros assina ainda, *A dança e a sua evolução*; Avelino Abrantes, *A alegoria da caverna*; Afonso Botelho, *O enigma dos painéis*; José A. Ferreira, *Integração valorativa do homem*; Fernando Morgado, *Panorama arquitectónico português*; Ernesto Palma, *Prognose da campanha eleitoral*; Rui Carvalho dos Santos, *A economia português perante a economia europeia*; Francisco Sottomayor, *A actualidade científica de Goethe*; António Telmo, *O futuro do romance português*; Orlando Vitorino, *O individuo e a pessoa*; Luis Zuzarte, *A crise do contrato*; Natércia Freire, *Quase irreal*; Azinhal Abelho, *Meridiano do Chiado*. Contém, ainda, diversos artigos e notas mais pequenas sobre literatura, estética e teatro, bem como rubricas de Atualidade cultural e Recensões críticas, inserindo um desenho de Jorge Costa.

Nº 2, agosto 1957. Na abertura António Quadros insere, em complemento a apresentação do número anterior, o *Manifesto sobre a Pátria*, pp. 1-2, termo que foi ganhando conotações negativas no caminho para as *sociedades abertas*, com a justíssima autodeterminação de muitos povos que a usura dos europeus, por motivos inteiramente materiais tinham submetido ao seu governo, aculturando-os sem sentido nem propósito, considerando-os, sempre, de condição inferior. Quadros vem reforçar que o mal que os povos dominantes espalharam nos povos dominados não tem que ver com o significado de certas palavras nem do simbolismo que encerram como é o caso da Pátria cujo termo não pode ser extinguido do dicionário e escondido no subconsciente. Esta publicação, aqueles que nela participam e todos os que a leem não devem reear pronunciá-la uma vez que a Pátria não é um mimetismo sem sentido nem significado:

Todos têm uma pátria e é possível que um dia a pátria do homem seja o universo. Mas esse dia vem tão longe, é uma utopia tão distante que todo aquele que nos nossos dias pretenda desligar-se do condicionalismo do espaço e do tempo e agir e pensar como se não houvesse fronteiras, mais não consegue do que sair da sua pátria de origem e instalar-se numa pátria de adoção onde será sempre um intruso, onde será sempre um homem dividido e impedido de se realizar plenamente.

A Pátria é o húmus onde repousa a essência de um povo. É verdade que o planeta caminha cada vez mais para uma globalização que não passará facilmente do plano virtual ao plano real, porque os povos e as pátrias representam identidades distintas construídas durante séculos ou milénios, com propósitos simultaneamente bélicos e de existência comunitária. O mundo, todo o mundo, será sempre a união do diverso, nunca chegará a ser uma amálgama, moldável pela vontade política

de cada tempo. O problema das Pátrias é simultaneamente existencial e essencial, une pessoas diversas a princípios comuns inalienáveis e inalteráveis, mesmo que adaptáveis aqui e ali:

A pátria não é definida por qualquer partido, facção ou classe: é a longa fila de homens de mãos dadas que vem do fundo dos séculos e vai para o fim dos séculos, onde já não haverá pátrias porque os homens terão subido mais um degrau.

A cultura e a evolução são resultado da evolução do conhecimento e da união da racionalidade com a realidade, da tradição com o progresso que Quadros entende ser a Pátria, realçando que acompanhar a evolução do conhecimento e a natural igualdade de povos e culturas. A igualdade política é um direito universal que nunca submeterá os direitos e os deveres específicos de cada povo:

Nós não abolimos a palavra do nosso vocabulário. Nós não escondemos a palavra no fundo do subconsciente. Nós não temos medo da palavra. Nós assumimos a palavra e não fazemos mais do que dar a nossa mão a Camões. A Vieira, a Bruno, a Junqueiro, a Leonardo, a Pessoa, e a tantos outros que profundamente admiramos e cujo exemplo procuramos humildemente seguir. Porque esta é a ditosa pátria nossa amada e ao seu serviço aqui colocamos o nosso corpo, a nossa alma e o nosso espírito⁶.

Os colaboradores principais e respetivos artigos deste número são: António Quadros, para lá do Manifesto assina *Artes simbólicas* e Afonso Botelho e *A estética e enigmática dos painéis*; Avelino Abrantes, *Quem é o autor de um filme* e *Iniciados, inspirados e heróis*; Afonso Botelho, *O existencialismo e a libertação do ensino*; José A. Ferreira, *Integração valorativa do homem*; Ernesto Palma, *Balanço da temporada teatral* e *A situação social do escritor*; Rui Carvalho dos Santos, *A verdadeira riqueza das nações*; Francisco Sottomayor, *Animal racional ou razão animada*; António Telmo, *Da cultura portuguesa ao romance francês*; Orlando Vitorino, *A justiça e a amizade*; Azinhal Abelho, *Meridiano do Chiado*.

Nº 3-4, dezembro 1957. Número duplo que abre com os *12 teoremas do 57*: Antropologia – Filosofia da História – Poesia – Teatro – Romance – Artes Plásticas – Arquitectura – Universidade – Indivíduo – Liberdade – Propriedade – Pátria. Dispostos em Tese – Antítese – Síntese do 57. Disposição rara numa publicação deste jaez e que deixa bem explícitos os propósitos da mesma e o que em cada campo são

⁶ “a Pátria, até etimologicamente, não é só a relação de cada um com a terra em que nasceu, é mais do que isso, é a relação com a terra dos Pais, com a comunidade dos antepassados, é uma vinculação antes humana e familiar do que telúrica ou territorial, implicando, por isso mesmo, desde que assumido dinamicamente o conceito, a prospectividade de um movimento para futuro. *Terra dos Pais* é necessariamente também a *Terra dos Filhos e dos Irmãos*. E nesta transmissão amplificante desenvolve-se um espírito personalizado, um projecto, uma teleologia nacional” António Quadros, *Portugal, razão e mistério*, Lisboa, Alma dos Livros, 2020, p. 205.

os seus principais objetivos. A terminologia é indicativa: a dialética em torno dos 12 teoremas termina na síntese do 57, isto é, da publicação. Os principais Ensaio e Artigos que a compõem são: António Quadros, *A filosofia da história em Portugal* e *A Estética de Vieira da Silva*, sendo ainda responsável em *Artes Simbólicas* pelos títulos *Progressão dialética da pintura europeia* e *A dança, primeira forma da para-existência artística* e Agostinho da Silva, *Filósofo Português da História e Outra crítica literária*; Alfredo Margarido, *Da necessidade de equacionar os problemas humanos ultramarinos*; Carlos Eugénio, *Cinco diários de Goa*; Carmo Vaz, *A ausência do livro português em Moçambique*; Pedro Bravo Fragoso, *Guerra Junqueiro e Antero de Quental, duas espécies de catolicismo*; Francisco Sottomayor, *Vicissitudes da antropologia em Portugal* e *As alavancas do progresso?*; José A. Ferreira, *Integração valorativa do homem*; Azinhal Abelho, *Meridiano do Chiado*; António Telmo, *Sampaio Bruno, crítico literário*; Fernando Morgado, *Para um conceito trinitário da arquitectura*; Orlando Vitorino, *Hegel e a liberdade* e *O Cristo do Parque Mayer argumento cinematográfico*; Avelino Abrantes, *Do homem português, causas e soluções*; Afonso Cautela, *A educação, arte maior*; José Marinho, *Filosofia portuguesa e universalidade da filosofia*.

Nº 5, setembro 1958. António Quadros continua a especificar os objetivos da publicação, assinalando na abertura, *12 problemas concretos da Cultura Portuguesa*: 1. O escritor; 2. Os movimentos culturais; 3. A liberdade de expressão; 4. A Maioridade intelectual; 5. Os professores; 6. Os alunos; 7. A cultura no ultramar; 8. O fortalecimento da unidade portuguesa; 9. O historicismo; 10. O voluntarismo; 11. O literatismo; 12. A desnacionalização da vida cultural. Reforça o interesse na cultura portuguesa, entendida em todo o território nacional, ultramarino, brasileiro e outro, com destaque para o problema do ensino e da educação, ou da sua falta. Se a educação é uma preocupação da geração que aqui se reúne, o enfoque maior será no ensino universitário. No *Inquérito aos pensadores portugueses* que este número publica responde Afonso Botelho. *Ensaio e artigos* principais: António Quadros, *Do acto político*; Agostinho da Silva, *A cultura brasileira*; Alfredo Margarido, *António Areal desenhador neo-platónico* e *Uma visão dos problemas angolanos*; Álvaro Ribeiro, *A filosofia e o direito*; António Santiago Areal, *Shelley e a defesa da poesia*; Baltazar Covões, *Atitudes perante o tema actual*; Fernando Sylvan, *Sira Rua Ha'U Nian*; Jonas Negalha, *Romantismo e realismo*; Jorge Ramos, *Influência da metafísica hindu no pensamento religioso dos gregos*; José Marinho, *Filosofia portuguesa e universalidade da filosofia*; José Marques Leal, *Sobre Pascoal Martins, os Cavaleiros Templários, os Descobrimientos, Sampaio Bruno e a tradição portuguesa*; Rafael Monteiro, *Relações esquecidas do mito português*; Orlando Vitorino, *O pão e a dor*; António Telmo, *O som e o sono na Psicologia de Henrique Bergson*; Fernando Morgado, *A Arte e a didáctica*; Avelino Abrantes, *Da menoridade positivista à maioridade do pensamento*; Francisco Sottomayor, *O culto e a cultura*; Jorge Preto, *O sistema de exames*; José A. Ferreira, *Três conferências sobre um urgente problema: o da reforma educativa*; Afonso Cautela, *Antes da reforma do ensino primário sugere-se uma no ensino experimental* e *A indignação e a vénia*.

Nº 6, março 1959. Intitulado *O homem contemporâneo e o labirinto burocrático*. No Inquérito aos pensadores portugueses depõe Sant'Anna Dionísio. Principais artigos: António Quadros, *O movimento do homem*; José A. Ferreira, *O segredo e As chaves da liberdade*; Francisco Sottomayor, *Religião e Pátria*; Afonso Cautela, *Convívio e 57*; Ana Hatherly, *Amor e casamento a propósito da Verdade do amor de Soloviev*; Alfredo Margarido, *Incidências sócio-económicas na poesia negra de expressão portuguesa*; Rafael Monteiro, *O culto do Espírito Santo*; Fernando Morgado, *Apologia do duelo e A loja nova*; Álvaro Ribeiro, *Cunha Seixas e a filosofia portuguesa*; Fernando Sylvan, *Se o oriente português se dividisse de Portugal*; Carmo Vaz, *Cultura portuguesa em Moçambique*; Jorge Preto, *Esperança*; Jonas Negalha, *A minha adesão ao 57*; Delfim Santos, *Formação de professores*.

Nº 7, novembro 1959 tem como título geral *Problemas sexuais vocação e destino de cada sexo* e contém um Inquérito aos estudantes. É participado por António Quadros, *O mito do espírito*; Francisco Sottomayor, *Do positivismo à idolatria*; Fernando Morgado, *O lugar do templo e Da obediência*; António Santiago Areal, *Esquema radical do messianismo*; Ana Hatherly, *Ritmos existenciais o riso*; Agustina Bessa Luís, *Da comunicação*; Alfredo Margarido, *O sebastianismo afirmação duma teoria da Pátria*; Maria Helena da Rocha Pereira, *Teoria da crença*; Jorge Preto, *Geração e corrupção*; Fernando Sylvan, *Nós os portugueses*; António Braz Teixeira, *Reflexões*; Fernando Morgado, *Da obediência*.

Nº 8, julho 1960, tem a designação *Portugal dáquem e dálem mar: o Signo – língua; O Sinal – Ensino; O Símbolo – Civilização*. Defesa de uma língua e cultura comum a todo o espaço da portugalidade, uma educação de qualidade em todos os níveis, que eleve todos os cidadãos desse espaço a níveis de excelência. Textos principais: António Quadros, *Da comemoração à criação, o que foi, é e será o descobrimento*; Francisco Sottomayor, *Tradição e traição*; Azinhal Abelho, *Meridiano do Chiado*; Romeu de Carvalho, *As evoluções biológica e social*; Ana Hatherly, traduz quatro hinos órficos e publica *Artistas portugueses, Martins Correia escultor*; José Vale de Figueiredo, *Existência e circunstância Portuguesas*; Armando Luís, *Prefácio ao problema da literatura e do mal*; Jorge Preto, *Hierofania e Hieroclastia*; Carmo Vaz, *Cultura portuguesa em Moçambique*; Afonso Botelho, *O inconformista* (conto); Fernando Morgado, *Do mal e do bem*; António de Macedo faz crítica ao filme de Hirosh Inagaki, *O homem do Rickshaw*; Maria Helena da Rocha Pereira faz a recensão de um recital de Fernando Lopes Graça; António Braz Teixeira assina recensões.

Nº 9, setembro 1960, abre com o destaque de Fernando Morgado *Artistas Portugueses II Querubim Lapa – Pintor* e é participado por António Quadros, *Os ilimites da ciência e Crítica de poesia*; Agustina Bessa Luís, *Carta do Porto. A sátira das primeiras filhas*; Ana Hatherly, *A beleza e o caos*; Carlos Eugénio, *Reverso negro duma áfrica branca*; Luís Carlos Espírito Santo, *Educação feminina e educação feminista*; Azinhal Abelho, *Meridiano do Chiado*; A Braz Teixeira, recensão aos livros *Um Fernando Pessoa* e *As aproximações* de Agostinho da Silva; António Macedo, faz crítica de cinema e Bernardo Santareno crítica teatral.

Nº 10, dezembro 1960, com o título *Do problema das nações unidas ao problema da Pátria portuguesa* seguramente da responsabilidade de António Quadros que assina, *Nove proposições verbais* e faz Crítica, entre outros a *O enigma português. Sua dedução cronológica e filosofia escolástica* e (a propósito de um escrito/tese de Álvaro Ribeiro), sendo da sua responsabilidade diversos textos sobre exposições e mostras de arte em Paris; Azinhal Abelho, *O meridiano do Chiado*; Alberto Fonseca Araújo, *Para a construção da cidade futura*; Miguel Bandeira, *Cinema francês 'às ligações perigosas'*; Rui Bandeira, *Movimento no teatro*; Paulo Bizarro, *Cinema português: as relações edificantes: 'encontro com a vida'*; Carlos Eugénio, *Comparar não é ter razão*; José Valle de Figueiredo, *Razões solares e arcaicas de Portugal*; Ana Hatherly, *Ritmos existenciais II, A Saudade*; Armando Luís, *Milagre, tempo e espaço*; Alfredo Margarido, *Saudosismo republicano de Teixeira de Pascoaes*; Luís Carlos do Espírito Santo, *Livro único ensino estático*; António de Castro, *Os concertos de outono em S. Carlos*; António Braz Teixeira, *O teatro português e o público ou uma relação que não existe*; Luiz Zuzarte, *50 Aforismos*; Fernando Morgado, *A propósito da arte abstracta, Uma visita ao Salão de arte Moderna da S.N.B.A*; Afonso Botelho, *Conto: É dia de Natal para um homem só*.

Nº 11, junho 1962, inicia com *O Movimento de Cultura Portuguesa* de António Quadros que anuncia a *Criação do Colégio Português das Artes*. Depois de onze números publicados em que de facto as artes, com destaque para o teatro, o cinema e as artes plásticas, mas também a literatura e o conto ocupam lugares proeminentes, nada melhor que deixar as bases para uma academia ou escola onde se possam cultivar e ensinar de forma livre todas as artes que interessam aos indivíduos e acabam por espelhar a cultura dos povos. António Quadros assina, ainda, *Sessenta anos de Autonomia Cultural e Independência Política, Os três problemas portugueses, Filosofia, História e Futuro da Pátria*; Fernando Morgado, *Hierarquia e Hierocracia*; Francisco Sotto Mayor, *A filosofia e a 'Teoria do ser e da verdade'*; Azinhal Abelho, *Meridiano do Chiado (memórias)*. Nas páginas centrais da publicação, pp. 8 e 9, aparece uma resenha das atividades do Movimento intitulada *O movimento de Cultura Portuguesa no ano de 1961*. António Braz Teixeira assina *Teatro português, teatro sem palco breve balanço de um ano de teatro* e *Um novo ciclo épico na poesia portuguesa (1)*; Alexandre Coelho, *Problemas económicos*; Armando Luís, *Crise de universidade ou a queda do símbolo*; António de Castro, *Problemas musicais*.

4. Espiral – Cadernos de cultura. Movimento das áreas culturais de língua portuguesa⁷

Nº 1, primavera de 1964. O primeiro número, como é expectável, serve para António Quadros fazer a apresentação da publicação, pp. 3-9, texto longo que para melhor compreensão dos objetivos, elenca em diversos *movimentos*⁸:

⁷ Direção, Edição e Propriedade de António Quadros. Surge dois anos após ter findado 57, agora da inteira responsabilidade de António Quadros. Entre 1964 e 1966, período de duração da publicação, foram editados 13 números.

⁸ “A filosofia do movimento, segundo a tradição que vem de Aristóteles até à escola da filosofia por-

Movimento do homem – A descrição das coordenadas dominantes da nossa época tem sido inadequadamente feita em termos políticos, sociais e económicos. Porquê inadequadamente? Porque as descrições desta ordem manifestam na realidade uma orientação cultural que lhes é anterior e detém por isso o autentico e por vezes oculto primado. Que teses consciente ou inconscientemente insufladas à ação e ao pensamento se arriscam a afirmar que o homem político, o homem social e o homem económico esgotam o conteúdo do humano? Certamente não serão teses onde se garanta a liberdade.

Fica claro a oposição que aqui se fará ao fator económico que a modernidade adotou como estruturante do progresso dos povos, movimento que aliás ia ganhando forma um pouco por todo o lado porque ao exaltar o ter diminuía o ser, e em termos de avanço do saber, o paradigma científico e tecnológico começava a estrangular a vertente humanista e artística nos currículos. Era necessário fundamentar que as humanidades e as artes são categorias essenciais na formação integral dos povos porque são o centro da filosofia, da religião, do progresso científico. A civilização é o espaço de cultura alargado, não um lugar estanque, onde aparecem e se desenvolvem os pensamentos e as ações ao serviço da liberdade individual e da tranquilidade coletiva, que possibilita o movimento libertador do homem. O estabelecimento das bases que procura encontra-o no pensamento de Álvaro Ribeiro e na presença do aristotelismo na filosofia portuguesa:

Movimento da civilização – Chegado ao extremo ocidental da Europa, dir-se-ia que as culturas espanhola e portuguesa, de fidelidade aristotélica, lançando-se na expansão marítima, nos descobrimentos, no apostolado cristão, no comércio com o oriente e no povoamento de vastas zonas da África e das Américas, chamariam a representação daquele foco civilizacional criador, mas fatores históricos bem conhecidos determinaram que esta expansividade de vocação universalista não chegasse a ultrapassar a fronteira do virtual, do material, do espacial [...] a deslocação fez-se na realidade para o Norte, detendo-se desde finais do século XVIII no triângulo construído pela França racionalista e revolucionária, pela Inglaterra utilitarista e industrialista e pela Alemanha criticista e voluntarista. A impossibilidade, ao longo de um século, de se conciliarem as posições destes três vértices determinou, com o esgotamento prematuro da França e com o choque dos imperialismos industrialista inglês e racista germânico, a transferência de poderes para os grandes blocos a leste e a oeste, o primeiro interpretando o utilitarismo em termos de pragmatismo económico e transformismo técnico, o segundo afeiçoando o voluntarismo estatal a que ficou fiel o alemão Marx, ao messianismo social da luta de classes.

O norte da Europa entenda-se, a França e a Alemanha, fizeram mundo sem acrescentar mundo porque a racionalidade e o querer ser mais, o fator económico

tuguesa, concebe a realidade evoluindo para um fim ou perfeição, que consiste na integração harmoniosa de todo o disperso, significada na palavra universo, que é como quem diz, o que caminha para a unidade, para o Uno”, cf, Joaquim Domingues, *Elucidário do estudante curioso*, 2022, p. 132.

sobrepôs-se à solidariedade e complementaridade. A ciência e a tecnologia serão os modelos dominantes e a especulação é posta de parte. Apenas interessa o que traz mais materialmente, não o que realiza mais o Ser. O pós guerra trouxe para a Europa a preocupação de formar um bloco único, mesmo que tenha originado dois de igual dimensão assentes na guerra fria, supostamente sem armas a disparar mas com os arsenais a crescer de um lado e do outro, armas letais como as atômicas e as químicas com que o esforço de guerra, alimenta as descobertas científicas que de outro modo demorariam bem mais anos a conhecer a luz do dia. Era preciso impedir ataques futuros e o esforço de reconstrução material de um extenso território traria, sob o horror da destruição desenfreada, um crescimento económico e social que não foi acompanhado por um progresso humano:

Europeísmo e europeização – entre as formas de pensamento dominantes e antagónicas entre si [...], a França, a Inglaterra e a Alemanha, não mostra por enquanto, como e quando poderá ser libertadora e transcendida [...]. O processo de europeização das nações africanas, asiáticas ou oceânicas, na interpretação sociologista apressadamente aceite pelas nações recém chegadas à independência, as submeterá, por tempo indeterminado, a um estado embrionário e ambíguo de cisão mal consciencializada entre a estrutura tradicional das suas culturas e as tendências sociais, políticas e pedagógicas insufladas pela emulação ou pelo mimetismo das culturas europeias ou suas extensões a leste ou a oeste.

Em seu entender, era necessário encontrar um local de onde a cultura de língua portuguesa, juntamente com a de língua espanhola, enraizadas no aristotelismo e sob o signo da filosofia do movimento aí firmada, mesmo que ainda não desenvolvida, haverão de a fomentar, lugar que entende ser:

O epicentro sul-atlântico – Admitimos que a vocação missionária e apostólica destes povos e que a sua rica experiência histórica de convívio internacional, intercontinental e inter-racial, poderão construir elementos efetivos de aproximação, convívio e diálogo cultural, funcionando o Atlântico Sul como vaso comunicante.

É embrenhado nestes propósitos que usa para título da publicação a figura geométrica *que supera o dualismo*. A comunidade dos homens só conhece o progresso quando ultrapassa os momentos ou movimentos de crise e os ultrapassa pela transcendência da própria humanidade numa espécie de proximidade à sua essência primeira: um homem criado por Deus, em movimento para Deus num processo criador e construtor de progresso e bem comum:

Espiral – A transformação do homem processa-se quando a causa final, de origem divina, inquieta o sujeito passivo da ação cultural e política de tipo factológico ou mítico [...] a figura da espiral é aristotélica e só é concebível plenamente no próprio movimento do tempo cristão que é o nosso [...]. Para o movimento

cultural das áreas de língua portuguesa, é o nosso propósito fundamental. Aquela possibilidade fica condicionada a este movimento, digamos mesmo, dependente do haver ou não haver movimento efetivo, radicado pois ao que no plano da filosofia sejamos capazes de pensar ou ao que no nível da cultura saibamos realizar.

A demanda é pelo entendimento e alargamento de culturas de língua comum, de aproximação, gênese da cultura portuguesa, com as restantes regiões da ibéria e a afluência teológica do Ecumenismo de penetrante ressonância quer espiritual quer social, uma vez que a relação da cultura com o culto faz parte do substrato da dinâmica dos povos e civilizações:

Movimento dialogal das culturas de língua portuguesa – uma intercomunicação que acompanhe as pátrias culturais da América Latina, em especial França e Itália, das nações anglo-saxónicas com as quais tivemos e temos conotações de correspondência atlântica, dos demais países europeus, em especial a Alemanha. Estes diálogos não podem imitar a passividade mental dos nossos literatos, professores ou ideólogos que têm feito a caricatura da conversa entre o mudo e o surdo.

Esta é a finalidade do projeto encerrado em *Espiral* que pretende com a colaboração dos pensadores e escritores que melhor possam consciencializar a situação vivida na altura, cooperar para que as suas ideias alimentem a problematização que leva ao progresso humano que deve conciliar fazer e teorizar, de acordo com os interesses e desejos de cada ser humano:

Libertação da cultura pelo e para o movimento – na raiz e à partida, a espiral que figuramos aqui e agora, é portuguesa e atlântica, todavia, no seu firmamento e na sua finalidade, ela é signo da própria cultura, dilatando-se universalmente e demandando o espírito da Verdade, cuja graça e cuja presença queremos invocar neste primeiro e inicial passo.

O número inaugural é composto pelas rubricas: *Para a história da cultura*: António Quadros para além do texto de apresentação, assina, *Um mundo em transformação*, *O século XX em Portugal: uma síntese provisória*; António Braz Teixeira, *O problema do mal na filosofia portuguesa contemporânea*; Luís do Espírito Santo, *Sociologia patriarcal e sociologia matriarcal*; Luís Forjaz Trigueiros, *A literatura de ficção no ultramar português*; Afonso Botelho, *Um verdadeiro autor*; Luiz Francisco Rebello, *Breve meditação sobre o teatro grego*; David Mourão-Ferreira, *Para uma visão poligonal da literatura*; Luís de Matos, *A expansão marítima e a metáfora portuguesa*; Domingos Monteiro, *Cinco perguntas a Gomes Monteiro*; Agostinho da Silva, *Ecúmena*. Movimento da Cultura: *Brasília, O Centro Brasileiro de Estudos Portugueses; Angola, Um centro de irradiação cultural; Lisboa, Teatro de Camara António Ferro; Atenas, VI Congresso da Fundação Europeia de Cultura*. Problemática da Cultura: *A Assembleia Nacional Perante o Problema da Educação; A Faculdade de Letras de Lisboa e a história da filosofia portuguesa*. O Homem na sociedade: *A situação da*

família no projeto do novo Código Civil; A paralisia burocrática. Crítica, Comentário e Polémica: Os originais portugueses e a crítica.

Nº 2, verão 1964, rúbricas e participações. Filosofia da Cultura: José Marinho, *Da situação enigmática*; Avelino Abrantes, *De novo a ciência e a filosofia*; António Quadros, *Um mundo em transformação*. Movimento da Cultura: Lisboa – *para uma integração cultural das áreas da língua portuguesa*; Cabo verde – *um novo contista*, Teobaldo Virgínio; Angola – *a poesia de Mário António*; Vigo – *A cultura galaico portuguesa e a revista Grial*; Atenas – *reflexões sobre um congresso europeu*. Pedagogia: Manuel Breda Simões, *Pedagogia prospetiva e orientação*. O Homem na Sociedade: *O relógio de ponto – o ante-projecto do Código Civil; A crítica dos slogans*. Problemática da Cultura: teatro, Bernardo Santareno, *A propósito de Oresteia, de Ésquilo*; para a história da literatura, Luís Forjaz Trigueiros, *A literatura de ficção no ultramar português, 2; Homenagem a Vicente Risco*; Júlio M. de la Rosa, *Notas para uma introdução ao romance espanhol actual*; ficção, José Sesinando, *Fragmento de um romance felizmente inédito*; crítica, J. Monteiro-Grilo, *Tradição, criação, responsabilidade*; David Mourão-Ferreira, *Do movente e do fixo na poesia de Natércia Freire*; António Braz Teixeira, *Apostila a uma síntese provisória da história da cultura portuguesa do século XX*.

Nº 3, outono 1964, destaca o filósofo espanhol Miguel de Unamuno (1864-1936) e dispõe-se nas rubricas habituais. Para a História da Cultura: *Quem foi, quem é Unamuno?*; Sant'Anna Dionísio, *Unamuno e o seu anseio de eternidade*; Pedro Rocamora, *Problemática da 'realidade-ficção' na novelística unamuniana*; Cunha Leão, *Unamuno e o enigma português*; *Duas poesias de Unamuno*; António Quadros, *Meditação portuguesa a partir de Unamuno*; *Duas cartas de Unamuno a Teixeira de Pascoas*; D. Miguel de Unamuno, *senhor feudal de Salamanca*, uma entrevista de António Ferro. Sociologia: Luiz do Espírito Santo, *Sociologia patriarcal e sociologia matriarcal*. Memória: Pinharanda Gomes, *Por ocasião da morte de Raul Leal*; Azinhal Abelho, *Fado fantástico*. Crítica: David Mourão-Ferreira, *Um itinerário histórico da poesia portuguesa e de João Gaspar Simões*; António Braz Teixeira, *A propósito do último romance de Agustina Bessa Luís*. Problemática da Cultura: *Seis anos de escolaridade obrigatória*. Movimento da Cultura: Moçambique, actividades culturais na Beira; Cabo Verde – Nuno de Miranda; Prémio Camilo Pessanha de 1963. O Homem na sociedade: Cursos práticos... ao nível universitário.

Nº 4/5, inverno 1964/65 (número duplo especial). Tem como título *Para uma civilização de língua portuguesa*. Reforça o empenho, não só do ponto de vista das intenções mas sobretudo das realizações, daqueles que nos quatro cantos do mundo português, ou dos lugares onde os portugueses se fixaram e ajudaram a fazer mundo(s) aclararem o papel da língua portuguesa e da cultura por ela veiculada para o estabelecimento de uma comunidade global de paz e entendimento mútuo, destacando o que nos une e relativizando o que nos separa, mesmo que não possa ser ignorado. A composição e colaboração é assim disposta: Princípios, *A vivência portuguesa*. Fins e Meios: Álvaro Ribeiro, *O homem português*; Agostinho da Silva, *Notas para uma posição ideológica e pragmática da Universidade de Brasília*. O Mo-

vimento: António Telmo, *Da língua portuguesa*; António Braz Teixeira, *Da filosofia portuguesa*; Francisco Sottomayor, *Da história portuguesa*; António Quadros, *Da arte portuguesa e Da literatura portuguesa*; Luís do Espírito Santo, *Da crítica literária portuguesa*. Caminhos: António Braz Teixeira, *Breve apresentação da literatura galega*; António Quadros, *Introdução à literatura brasileira*; Geraldo Bessa Victor, *A literatura portuguesa de radicação ultramarina. A negritude em literatura*; Mário António, *Nota sobre o sistema cultural atlântico português*; Amândio César, *A literatura angolense*; Nuno Miranda, *Situação literária cabo-verdeana*; Fernando Reis, *Alguns nomes da literatura são-tomense*; António Mascarenhas, *Aspetos da cultura goesa*; Danilo Barreiros, *Literatura e cultura de Macau*. Dilatação Civilizacional: Almerindo Lessa, *A expansão bio-social do homem português*; Pedro Agostinho da Silva, *A política de Vieira e a entrega de Pernambuco*; José Santiago Naud, *Dom Sebastião da liberdade e Venturis Ventis*; José Redinha, *Coexistência cultural em Angola*; Antunes Valente, *Universalismo português; Para uma civilização de língua portuguesa?* Aparece ainda um apartado de Notas e outro de Problemática da Cultura.

Nº 6/7, verão 1965, número duplo intitulado *Teatro português, teatro universal*. De novo um número que continua a demanda pelo teatro das anteriores publicações, destacando de que por ele ou com ele, a universalização da cultura de língua portuguesa será mais fácil de concretizar. Rubricas em destaque: Em busca da Essência do Teatro; António Quadros, *Teatro português, teatro universal*; José Marinho, *Aforismos sobre teatro e drama oculto*; José Régio, *Fragmentos sobre o teatro*; Orlando Vitorino, *Alegoria teatral*; Manuel Breda Simões, *Psicodrama e existência*. Duas interpretações do teatro grego, Sant'Anna Dionísio, *Do teatro grego*; José A. Ferreira, *A atualidade do humanismo helénico*. Vias originais do teatro de Língua portuguesa: António Braz Teixeira, *Possibilidade e realidade do teatro português*; José Santiago Naud, *Breve proposição à cena brasileira*; Azinhal Abelho, *Teatro popular português*; Tomaz Ribas, *O Tchiloli ou as tragédias de S. Tomé e Príncipe*. Alguns dramaturgos exemplares: Luiz Francisco Rebello, *As duas faces do teatro vicentino*; J. Monteiro-Grillo, *Shakespeare. Arquétipo dos românticos*; Francisco da Cunha Leão, *O português e a dramaturgia*. Três momentos do teatro nacional; Duarte Ivo Cruz, *Notas sobre o teatro de Raul Brandão*; António Ferro, *O teatro de Alfredo Cortez*; Bernardo Santareno, *Federico Garcia Lorca e o segundo século de ouro*; José Blanc de Portugal, *Nota sobre o Deus ex-machina a propósito do teatro de T. S. Eliot*; Duarte Ivo Cruz, *Almada, estética e dramaturgia*; António Braz Teixeira, *Sobre o teatro religioso de José Régio*. Problemática do teatro português, refere alguns Documentos como sejam os textos doutrinários do Teatro d'Arte de Lisboa e um texto de Leonardo Telles, *O ambiente do teatro em Portugal no século XX*.

Nº 8/9, ano II, inverno 1965. O segundo ano da publicação inicia com um número duplo intitulado *Ensino e Educação dos Portugueses* que reforça um dos vetores que Portugal precisava de reformar para melhorar o seu progresso social e cultural. Contém vários documentos e ensaios, destacando-se: Agostinho da Silva, *Quinze princípios portugueses*; Sant'Anna Dionísio, *Um valioso truísmo de Rousseau*; Manuel Breda Simões, *Pedagogia concreta, educação permanente e formação psi-*

cossocial; Afonso Botelho, *Situação pedagógica e a ideia da morte*; Álvaro Ribeiro, *Espelho do pensamento*; António Quadros, *A diáspora portuguesa e O futuro da universidade*. Na secção Para a História da Filosofia Portuguesa: Frei João Ferreira, O F M, *A relevância de Pedro Hispano na filosofia medieval*; Joseph Moreau, *Francisco Sanches, pré-cartesiano*; António Braz Teixeira, *Nota sobre a Filosofia da existência de Domingos Tarrozo*. Estética: Luís Washington Vita, *Aspectos da estética modernista no Brasil*; António Telmo, *Arte poética e surrealismo*. Humanismo e Antropologia: José A Ferreira, *A actualidade do humanismo helénico*; Antunes Valente, *Notas de antropologia portuguesa*; Luís do Espírito Santo, *Rescaldo do 1º Encontro de Escritores Portugueses*.

Nº 10, verão 1966, tem como título *Reacção, Progressão, Evolução* e divide-se em diversas secções. Estética: Lima de Freitas, *A arte moderna: explosão de formas, implosão da consciência temática*; Eudoro de Sousa, *Arte e escatologia*. Filosofia da ciência: Luís Furtado, *Conhecimento do homem perante a ciência*; Francisco Sotomayor, *Domínio da técnica e técnica do domínio*. Dialéctica: José Marinho, *Dialéctica e dianoia*; Sant'Anna Dionísio, *Sentido do uno e do múltiplo no pensamento teodiceico de Leonardo Coimbra*. Linguística e Literatura: António Quadros, *O espírito da língua*; Júlio M. de la Rosa, *Azorin, lição de Espanha*; David Mourão-Ferreira, *Francisco de Vasconcelos, poeta do barroco português*; Francisco Videira Pires, *O medievalismo oratório de Vieira*. Crítica: José A. Ferreira, *A perianábase da alma nas Histórias do tempo de Deus de António Quadros*; António Quadros, *O homem português e o universal, segundo Jaime Cortesão*. Crónicas: Estirilizações; Os yé-yés da cultura; Nuno Sampaio, *O problema do escritor português*. Problemática da cultura: António Braz Teixeira, *Ainda a propósito de Domingos Tarroso (Uma carta de Pinharanda Gomes e comentário de António Braz Teixeira)*.

Nº 11/12, outono 1966. Número duplo com o título *A cultura brasileira* que conta com diversas secções. Para uma teoria do Brasil: José Santiago Naud, *Humanismo traído*; Agostinho da Silva, *Ensaio para uma teoria do Brasil*; António Quadros, *O barroco e o eldorado*. Antropologia e Sociologia: Gilberto Freyre, *Novos métodos para novas situações: uma antecipação brasileira nos modernos métodos sociais*; Pedro Agostinho, *Da situação e perspectivas do índio*; Fernando Sylvan, *Os caminhos do Brasil*. Estudos de Poesia Brasileira: Massaud Moisés, *Compreensão de Cruz e Sousa*; Cassiano Nunes, *Características da poesia modernista no Brasil*; Luís Geraldo Toledo Machado, *Mitologia modernista*; Maria Antonieta Vilela Raymundo, *poesia de Cecília Meireles*. Filosofia: Luís Washington Vita, *Tentativa de esquematização da filosofia actual no Brasil*; Romeu de Melo, *Ivan Lins: Perspectivas de Augusto Comte*. Diálogo Atlântico: António Braz Teixeira, *O T.U.C.A em Lisboa*; *Presença da cultura portuguesa no Brasil*. Crítica: *Ofício humano, ofício de poeta*.

Nº 13, ano III, inverno 1966. Último número da publicação com o título *O Escritor e o Livro* constando do Sumário as seguintes participações: Branquinho da Fonseca, *Situação do escritor*; Osman Lins, *Das obrigações e meios do escritor*; Álvaro Ribeiro, *O escritor, prisioneiro social*; Ernesto Palma, *A leitura em Portugal*; *Leitores*

e autores, queixas e razões de queixa; As traduções, um bem ou um flagelo?; O livro. Temas actuais, o novo código de direito de autor, a expansão do livro português, bibliotecas da Fundação Gulbenkian, boletim informativo das bibliotecas F. G; Natércia Freire, *Do livro e da palavra*; Afonso Botelho, *Luta pela imaginação*; António Braz Teixeira, *Aproximação do pensamento filosófico de Delfim Santos*; Eudoro de Sousa, *Religião e filosofia no mundo mítico dos gregos*; António Quadros, *As Conferências do Casino e o seu significado no contexto português*; Duarte Ivo Cruz, *linhas mestras do teatro português contemporâneo*. Crítica: *Repensando Aquilino*; *Pintura incómoda*, um livro provocador.

5. Entre 1951, ano em que saiu o primeiro número de *Acto*, e 1966 altura em que foi publicado o último volume de *Espiral*, medeiam quinze anos de um mesmo desígnio, com interrupções, e sem o impacto esperado nos países e lugares de língua e cultura portuguesa. Este projeto não se adivinhava fácil ao tempo em que o analfabetismo em Portugal era alarmante e no restante território ultramarino, quase total. Como sabemos os povos cultos têm, em todos os tempos, um interesse supletivo na educação e instrução dos cidadãos. Os outros, cujos governantes desistem de educar e instruir, tornam-se servos e fornecedores ignorantes da mão de obra bruta que permite o progresso material dos primeiros.

Portugal tem uma história fabulosa, mas paradoxalmente foi traído pela riqueza material amealhada nos descobrimentos e desbaratada logo a seguir sem qualquer benefício para o seu povo e porventura com escassa mercê para aqueles que a administravam. Talvez seja o sentido oculto da história pois na verdade todo o progresso, até ao presente, deve-se a pequenos povos como a Grécia, berço da civilização ocidental, Portugal e também Espanha, que acharam o mundo desconhecido e ligaram os seus quatro cantos. Mas depois tudo se esfuma e o espírito dos povos parece ir habitar outros lugares, mesmo que as novas regiões sejam constituídas, maioritariamente, pelos descontentes ou desprezados nos povos de origem como aconteceu ao longo da formação e afirmação dos atuais EUA e Austrália.

As críticas que faz ao desenvolvimento do norte da Europa, à Alemanha e à França, de serem culpadas pela insistência no paradigma economicista do progresso em detrimento da formação humana não é inteiramente certa. Sim, a sua sede de domínio levou-os à desconsideração da componente humana na relação com os outros povos, nomeadamente os que colonizavam, mas nas suas pátrias, dentre os seus iguais europeus, acolheram e estiveram nas respetivas vanguardas culturais do século XX. É preciso distinguir o movimento destes povos dentro da Europa onde se situavam do restante império ultramarino onde continuava a haver um olhar distante para aqueles que aí habitavam que por estarem mais próximos da natureza, julgavam-nos intelectual e humanamente inferiores. Com mais ou menos seriedade este raciocínio em um tempo que era precisa muita mão de obra braçal dava jeito aos governantes porque poderiam isentar desse esforço físico os seus cidadãos, obrigando aqueles que dominavam a executar esses trabalhos em regime esforçado e mal pago.

Na verdade, os princípios básicos da civilização residem na obsessão pelo material, ter mais para ser mais, e o desejo de poder e domínio.

António Quadros nestas publicações busca a divulgação e enriquecimento cultural do povo que é o seu e ciente que não há progresso sem cultura e educação, propõe-se juntar as gerações mais novas em torno de um mesmo ideal para que a mudança se possa fazer no sentido de os portugueses poderem acompanhar e contribuir para o progresso das letras e das artes em conjunto com o desenvolvimento material do seu povo. As publicações são pensadas mais como espaço de pensamento e crítica do que de divulgação que no estado de atraso em que Portugal se encontrava não poderia deixar de ocupar um espaço significativo. Eram as vozes jovens que se reuniam à volta de uma ideia de Portugal e daquilo que continuava a representar no mundo com o intuito de afirmar a cultura de língua portuguesa no mundo.

Não há dúvida, porque António Quadros o admite em várias ocasiões, de modo enfático em 57, que considero ser a publicação que melhor cumpre os objetivos da demanda, que o suporte programático é aquele que ficou traçado por Álvaro Ribeiro, participante ativo, no ensaio de 1943 *O prolema da filosofia portuguesa*. Era uma espécie de renascimento da *Renascença Portuguesa* que Álvaro Ribeiro, José Marinho, Agostinho da Silva e Sant'Anna Dionísio tinham absorvido na Faculdade de Letras do Porto por influência do seu fundador, Leonardo Coimbra. Assim, se mais não houvesse, o pensamento/filosofia portuguesa é aqui representada pelos mais expressivos autores que o século XX conheceu: Álvaro Ribeiro, José Marinho, Agostinho da Silva, Pinharanda Gomes, Santana Dionísio, Eudoro de Sousa, António Braz Teixeira, António Telmo, Orlando Vitorino. João Ferreira; Francisco Sottomayor.

A literatura e as artes em geral têm no fundador, António Quadros, o principal teórico que foi pioneiro no estudo da vida e obra de dois poetas maiores do século XX, Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro. Mas conta também com a colaboração de autores incontornáveis como Agustina Bessa Luís, Ana Hatterly, Natércia Freire, Lima de Freitas, Alfredo Margarido. O fluxo das artes cénicas que as publicações encerram é desenvolvida por António Quadros, Braz Teixeira, Azinhal Abelho, Bernardo Santareno, Duarte Ivo Cruz, Luiz Francisco Rebello⁹.

⁹ O teatro e as artes cénicas foram desenvolvidas nos cadernos *Teoremas de Teatro*, sob a direção de Orlando Vitorino, associados ao Teatro d'Arte de Lisboa, fundado e dirigido por Azinhal Abelho, sediado no Teatro da Trindade. Os *Teoremas* surgem na segunda metade de 1950 e prolongam-se até inícios da década de 1970, treze números, e contam com textos de Natália Correia, José Régio, José Marinho, Álvaro Ribeiro, Afonso Botelho, Luiz-Francisco Rebello, Natércia Freire, António Braz Teixeira, entre outros. Como se vê, a maior parte dos seus colaboradores foram destacados cooperantes nas publicações de António Quadros aqui estudadas. Nestes *Cadernos* apresentam-se, traduzem-se e comentam-se as peças levadas a cena pela Companhia. Ouvem-se os autores e os críticos, privilegia-se a dramaturgia dos *poetas-dramaturgos* de cariz mais existencialista, como Graham Greene, Tchekhov, August Strindberg, Luigi Pirandello, Federico Garcia Lorca, Paul Claudel... Ou seja, continua o propósito anunciado por António Quadros quando refere que a reflexão filosófica dos portugueses deve incluir o existencialismo e o modo de pensar português. O grupo pretendia tornar-se conhecido com a encenação de peças de autores de renome internacional, mas o objetivo principal do *Teatro d'Arte de Lisboa* era, como refere Azinhal Abelho no primeiro número dos *Teoremas*, dar "ao teatro português

Neste desígnio cabiam todos os interessados em pensar Portugal e os portugueses para lá das ideias políticas e respetivas militâncias que como se pode conferir na atividade particular de cada um, são diversas. Os projetos culturais e de rutura em Portugal tiveram sempre no seu interior os seus maiores adversários e inimigos¹⁰ o que aqui não parece ter existido. Este plano pretende que a diversidade sirva o interesse comum que é Portugal e contribua para o reformar tornando-o culturalmente avançado. É por isso que releva o problema educativo, nomeadamente a reforma universitária¹¹ o que de facto é elitista mas compreensível, se tivermos em conta que era convicção destes intelectuais que sem uma elite culta e bem educada, as camadas populares não se conseguem elevar a patamares de excelência. E como as elites se formam nas universidades, se estas não cumprirem esse papel, nenhum dos restantes níveis de ensino poderá sofrer alteração. Pode sempre apontar-se os defeitos de um modelo que se quer reformar a partir de cima, mas na verdade sem haver quem saiba fazer, quem aprenda a fazer e a organizar, qualquer esforço de educação das massas será inconsequente, como os tempos o têm mostrado. Por outro lado, pensar Portugal e as reformas necessárias através da importação do pensamento estrangeiro e modelos de organização que são estranhos ao nosso povo, continua a ser um dos nossos maiores flagelos, responsável pelo atraso em que continuamos mergulhados. Como aqui se mostra, não faltam na milenar história de Portugal modelos que apontam para o progresso e a prosperidade. Basta refletir neles, corrigir os excessos, adaptá-los ao presente e assim, o Portugal Maior, aquele que se encontra encoberto pelos quatro cantos do mundo ressurgirá e poderá, como é sonho de alguns que aqui colaboram, guindar pela sua aparente insignificância, o mundo a um tempo de paz pela compreensão dos povos e a aceitação das diferenças, na elevação daquilo que a todos é comum: a convivência pacífica e a plena partilha.

o sentido do seu real desenvolvimento [...] vir a representar exclusivamente, e no mais breve futuro possível, obras portuguesas”. Desta forma, a “representação de obras de dramaturgos estrangeiros terá sempre a finalidade de, apresentando um exemplo, fornecer um estímulo ou de figurar a cultura dramática que acompanhe uma peça portuguesa”. Refira-se ainda que o teatro tem grande presença no processo educativo escolar português como se pode conferir no primeiro quartel do século XX em alguns números da *Revista de Educação Geral e Técnica*, (1911-27 e 1934-35), Órgão da Sociedade de Estudos Pedagógicos, fundada em 1910.

¹⁰ A propósito das quezílias dentro dos movimentos culturais que invariavelmente conduzem à sua extinção, deixo a seguinte observação de António Cândido Franco, inserida em *O triângulo mágico. Uma biografia de Mário de Cesariny* (2019): “O que é hoje desconcertante perceber é que a maior resistência ao neo-realismo não veio da direita católica salazarista, nem de poetas conservadores como António Manuel Couto Viana ou Fernando Guedes, mas do interior do próprio neo-realismo. Quem contra ele se levantou com inusitada violência e sarcasmo foram poetas como Mário Cesariny, Pedro Oom, António Domingues, Alexandre O’Neill, que se arremetiam afinal no mesmo sector político e perfilhavam a mesma orientação estética”. Da leitura integral da biografia, ressalta também que os maiores detratores do surrealismo são aqueles que provêm da sua formação.

¹¹ Para a reflexão sobre o assunto veja-se Artur Manso, “Universidade. Pedagogia. Filosofia. Uma Leitura a partir de *A angústia do Nosso Tempo e a Crise da Universidade* de António Quadros” (1956). *Ensino Superior em Mudança: Tensões e Possibilidades. Actas do Congresso Ibérico*, UM-CIEed, pp. 521-528.